

Autonomia econômica

Eduardo Franklin

Com a autonomia política assegurada, o Distrito Federal agora enfrenta uma luta ainda mais urgente e angustiante: pela autonomia econômica. Com um contingente de 60 mil jovens chegando anualmente ao seu incipiente mercado de trabalho, o incentivo às migrações com distribuições de lotes a granel, e um processo de industrialização ainda embrionário e travado por preconceitos e burocracias de toda ordem, chegou a hora de repensar Brasília sob a ótica de uma unidade federativa autônoma, independente e produtiva.

Quem mora em Brasília há algum tempo já está cansado de ouvir os velhos e surrados argumentos de que a Capital Federal deve ter um perfil meramente administrativo, sem maiores preocupações com a iniciativa privada. Como se uma cidade de funcionários públicos e vivendo de esmolas do governo federal pudesse sobreviver por muito tempo, ainda mais em tempos de crise. A palavra industrialização, que até hoje causa arrepios às camadas mais retrogradadas, sendo tratada como tabu, terá que se tornar palavra de ordem, se não pretendermos continuar promovendo o desemprego, a miséria e a marginalização.

ORFANDADE — O empresário de Brasília é reconhecido como um peixe fora d'água nos outros Estados, onde se imagina que aqui só moram funcionários públicos, todos ganhando fábulas de dinheiro e usufruindo de belas mansões. E mesmo no Distrito Federal, não se sabe se por obra dos governos militares que temiam o incremento das atividades produtivas e seus inseparáveis braços sindicais, ou se por ações de Estados vizinhos interessados em abocanhar qualquer investimento econômico na região, o fato é que também entre nós o termo empresário nunca foi visto com maiores simpatias.

Governada durante 30 anos por "estrangeiros", fardados ou não, a verdade é que Brasília experimentou um longo período de abandono jamais vivido por outra unidade da Federação. Os governadores militares muitas vezes deixavam um quartel para vir gerenciar os destinos de uma cidade com a qual não tinham qualquer afinidade. Alguns até

confessavam-se entediados, com saudades do litoral e só conheciam o aeroporto e o Palácio do Buriti. Sem qualquer percepção política ou experiência administrativa evitavam o povo e se utilizavam das teorias forjadas na Escola Superior de Guerra e nas Escolas de Estado Maior que abordavam questões psicossociais, guerra psicológica adversa e outros temas de leitura obrigatória para a classe. Governar Brasília era apenas mais uma missão para os militares, muitos sem dúvida competentes em suas atribuições profissionais. Por outro lado, os governadores civis viviam voltados para as eleições em seus Estados de origem ou na própria carreira política com as bênçãos do governo federal. E Brasília numa interminável orfandade estagnante.

INADIÁVEL — Por obra dessa distorção, entre outras coisas é que Brasília deixou de ser uma capital da República propriamente dita. Não é por outro motivo que proporcionalmente o Rio de Janeiro possui mais funcionários públicos federais que Brasília, o que em último análise serve para sangrar ainda mais nossos recursos em circulação e nosso pobre mercado de trabalho. Com a reforma administrativa e o enxugamento da máquina estatal a questão do desemprego no DF aflorou ainda mais. Agora está claro que a única saída é incentivar a iniciativa privada, valorizar o capital empreendedor, criador de empregos, deixando de lado preconceitos ideológicos, purismos e romantismos que não enchem a barriga de ninguém e ainda agravam as relações sociais já difíceis num País em desenvolvimento.

A industrialização não pode mais ser adiada e deve começar pela criação de pólos industriais nas periferias das cidades-satélites, com facilidades na aquisição de terrenos, financiamentos e escoamento da produção, sob pena de Brasília acabar cercada por um cinturão de miséria sem comparação mesmo com as grandes e caóticas cidades brasileiras. Não é admissível que um trabalhador tenha que percorrer — e Deus sabe em que condições de transporte coletivo — e até 40 quilômetros para ir de sua casa ao Plano Piloto, onde se encontram 80% dos empregos. Tam-

bém não é possível que Brasília continue arrecadando apenas 25% dos recursos que consome sob o estigma de uma cidade-parasita.

FUTURO (?) — Ninguém discorda que a qualidade de vida em Brasília, outrora invejada por outros compatriotas, vem caindo a níveis preocupantes, face à crescente migração e a estagnação econômica. Há uma década tínhamos escolas-modelo, hospitais bem equipados, insegurança pública era coisa de paulista ou carioca e conseguir um emprego não era tarefa das mais extenuantes. Tudo mantido pela injeção de recursos do governo federal-militar, que com isso proclamava: "o clima tranquilo e propício para a sede administrativa do poder", ainda que sangrando as demais unidades federativas. só que a fonte secou, o País não pode ficar mantendo Brasília eternamente como uma vitrine para inglês ver, sendo necessário um esforço de produção de todos os brasileiros, se quisermos frequentar o clube dos países civilizados e modernos.

A competitividade, a competência e o poder de empreender o empresariado candango já provou que tem. Hoje, para citarmos um exemplo, a construção civil conta com mais de 300 empresas, algumas disputando mercados fora do DF. O que falta é promover a diversificação dessa capacidade, ainda mais quando se sabe que Brasília até hoje não tem uma fábrica de macarrão, biscoito ou mesmo de produtos mais prosaicos e de largo consumo. Da mesma forma a agricultura e a agroindústria continuam incipientes, embora o potencial do cerrado não seja mais questionado no mundo todo.

O que se espera dessa nova classe política que Brasília está elegendo é senso de realidade, amor à cidade e a seus habitantes, abandono dos interesses pessoais e pensamento de estadista, não de imediatista. O DF não pode esperar mais pelo progresso e o desenvolvimento nem ficar vivendo os louros de capital da esperança, capital do futuro ou coisa parecida. O futuro é agora. Ou não teremos nenhum futuro a oferecer às novas gerações.

Eduardo Franklin é jornalista